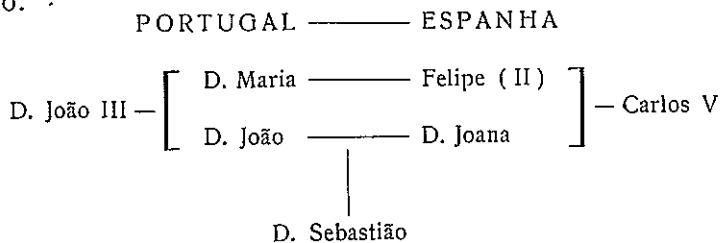


MEDALHA COMEMORATIVA DO DUPLO CASAMENTO DOS FILMOS DE D. JOÃO III COM OS INFANTES DE ESPANHA — 1542

PELO DR. PEDRO BATALHA REIS

Nas obras portuguesas que descrevem as nossas medalhas, assim como as estrangeiras que a Portugal dizem respeito, e dentre as quais sobressaem a descrevê-las os Livros de Lopes Fernandes (1856) e Artur Lamas (1916) (1), não encontramos em nenhuma delas, nem tão-pouco em qualquer artigo avulso, notícia da medalha que hoje publicamos, comemorando o casamento do Infante D. João de Portugal, com a Infanta de Espanha D. Joana (2), pais que foram do Rei D. Sebastião.

Essa medalha, datada de 1542, foi mandada cunhar pelo Imperador Carlos V para comemorar o duplo casamento de seus filhos, D. Felipe e D. Joana, com os Infantes portugueses, filhos de D. João III, D. Maria e D. João.



(1) Além dessas obras concernentes à Medalhística portuguesa, apontaremos ainda como obras inéditas e que antecederam aquelas, expressamente também com esse objectivo, o trabalho de César Famin (c. 1840) e a raríssima e desconhecida *Mémoire sur les Medailles portugaises* escrita em 1781, pelo conceituado capelão francês residente em Lisboa, Abade Garnier, cuja notícia demos na *Cartilha da Numismática Portuguesa*, a pág. 417, e Est. XLIV.

(2) Desta Infanta era já conhecida entre nós uma medalha mandada fazer lá fora, de que Lopes Fernandes, dá notícia na sua *Memória das Medalhas*, Lisboa, 1856, pág. 8, Est. 3 n.º 9; todavia, que se refira ao Infante de Portugal D. João, nenhuma conhecemos, além da que hoje damos a público.

Esta medalha é pois um documento evocador da política matrimonial, digamos, de Carlos V, constituindo mais um laço das íntimas relações de amizade e parentesco então existentes entre as coroas de Portugal e Castela. Lembremo-nos de que os pais desses Infantes de Portugal, e de Espanha, que agora se consorciaram, tinham por seu turno feito casamentos semelhantes: Carlos V tomando por sua mulher a Infanta D. Isabel de Portugal, filha d'El-Rei D. Manuel I e irmã de D. João III, assim como este casara com D. Catarina, filha de Felipe I de Castela, e irmã de Carlos V. E se mais remontarmos continuaremos a encontrar essas alianças matrimoniais entre as coroas Peninsulares até aos pródromos da Monarquia portuguesa. No entanto esta cadeia de casamentos entre os Príncipes de Portugal e Castela, se bem que dos mais remotos tempos, como dissemos, fossem constantes em todos os séculos, foi no decorrer de quinhentos que essas uniões pela sua multiplicidade e sequência atingiram o auge, como acabamos de enumerar.

Essa política de alianças familiares feitas por casamentos não era todavia mais do que o reflexo acentuado do que frequentemente se praticou durante a Idade Média entre as Casas reinantes da Europa, e se dela advinham imediatos benefícios políticos, não deixava contudo de trazer igualmente graves consequências futuras para os Príncipes nascidos dessa múltipla consanguinidade de seus pais; assim a História o certifica, ao dar-nos tristes testemunhos, em certos Príncipes, da decadência fisiológica daí resultante.

A medalha que hoje publicamos é mais um documento a pôr em relevo a política a que acima nos referimos, pois sendo lavrada em 1542, temos que a esse tempo tinha apenas D. João de Portugal 5 anos (nascera em 1537), e a Infanta de Castela D. Joana 7 anos; o que levou a celebrar o matrimónio somente por *palavras de futuro* como então se dizia. Com efeito, esse casamento apenas se efectivou por *palavras de presente* dez anos mais tarde, em 1552, dele nascendo El-Rei D. Sebastião em 1554.

Os outros Infantes, D. Felipe e D. Maria de Portugal, tinham nessa data também a mesma idade de 15 anos, consorciando-se de facto, no ano seguinte ao comemorado naquela medalha, em 1543.

Deste enlace houve o Infante D. Carlos, cujo nascimento custou a vida a sua mãe, em 1545, vindo a falecer em 1568 com suspeita de ter sido envenenado, após ter estado retido num quarto por ordem de seu pai, o misterioso Felipe II de Castela (3).

(3) C. Teixeira de Aragão, *Descrição das Moedas*, Vol. I, pág. 309.

Eis a descrição da medalha de que nos ocupamos :

CAROLVS, HESPERY REX ET MODERATOR IBERI IN, em volta do busto de Carlos V à direita, que ostenta como que uma boina, tendo por baixo a assinatura do gravador: LVD. NEIFA. No bordo um forte cordão servindo de moldura.

Rev. TULIT AURIFERO ROMULA SCEPTRA TAGO. ANNO. 1542 LV. NE. Ao centro a águia bicefala, cuja coroa corta a legenda, poisada sobre as colunas de Hércules banhadas pelo mar, e que se encontram inclinadas uma para a outra, pela força das garras que as dominam. A ligar os fustes vê-se uma faixa com uma nova expressão da clássica legenda *Non Plus Ultra*. Em volta, a modo de cercadura, quatro troncos arqueados e toscos, cruzados nas pontas.

Prata, Mod: 40 mm. Peso 20,87 gramas (4). RRR.

Pertence à Casa Bancária Almeida, Basto & Piombino & C.ª de Lisboa, a quem agradecemos a autorização de a publicar.

As legendas desta medalha são também um exemplo característico do que algures dissemos (5), do reverso não ser mais do que a continuação ou complemento do anverso. Na verdade, prova mais evidente seria difícil encontrar, uma vez que a legenda neste caso é uma só, metade em cada face, e para mais com uma palavra cortada a meio: estando o princípio ainda no anverso e o final dela no reverso:

CAROLVS, HESPERY REX ET MODERATOR IBER IN —
— TULIT AVRIFERO ROMVLA SCEPTRA TAGO :

*Carlos Rei da Hespéria e Árbitro da Ibéria
deu ao Tejo aurífero os cetros de Rómulo.*

O vocábulo *Hespéria* é uma fórmula latina de raiz grega, que significa *O Ocidente*, e fora na Antiguidade empregada pelos gregos para designarem a Península Hispânica ou Ibérica, situada como estava a Ocidente deles. E, da importância que na política desempenhavam os consórcios reais, pelo papel preponderante e fundamental que o Rei então desempenhava, se deduz o epíteto de *moderator*, *moderador* ou *árbitro*, com que se intitula Carlos V.

(4) Muito embora não seja de uso dar o peso ao descrever uma medalha, não queremos deixar de registar mais esse elemento de identificação por se tratar duma rara medalha desconhecida entre nós.

(5) Vid. o nosso estudo *Cartilha da Numismática Portuguesa*, Lisboa 1952, págs. 256, 285, etc. .

Além disto, temos ainda a salientar a nova versão que aí se emprega da clássica e consagrada legenda *Non Plus Ultra*.

Em opposição, pois, à ideia que a Antiguidade criara das Colunas de Hércules, com a frase *Não mais além*, como terminus do *Mare Nostrum* e da civilização de outrora, em volta do qual ela se espalhava, respondia agora Carlos V dizendo, em relação àquele local, *Plus Ultra, Mais além...*, como visão do movimento expansionista espanhol, na criação dum grandioso Império de Além-Mar, aquele de que a Espanha usufruiu no Continente Sul-Americano.

O gravador desta medalha foi o austríaco *Ludwig Neufarer* ou *Neifahrer* como nela se lê: *LUD. NEIFA* e até de ambos os lados, como que a firmar ou frisar bem a paternidade da sua concepção; pois geralmente os gravadores, quando assinam, fazem-no somente dum lado.



A sua actividade localiza-se na primeira metade do século XVI, tendo sido a sua morte registada em 1563, muito embora se ignore a data do seu nascimento (6).

É esta, pois, mais uma medalha a incorporar na série portuguesa, admitido o critério de considerar não somente os espécimes propriamente Portugueses, mas também todos aqueles que não obstante serem de origem estrangeira se relacionem de qualquer modo com assuntos referentes a Portugal (7).

(6) Cf. L. Forrer, *Biographical Dictionary of Medallists*, London, 1909, vol. IV, pág. 247.

(7) Com efeito, este tem sido o critério orientador de todas as obras, antigas ou modernas, da Medalhística Portuguesa, e que perfilhamos inteiramente, por se nos afigurar que é o que melhor responde à ideia que deve nortear a colecção das «Medalhas Portuguesas» no seu sentido mais lato, de englobar as estrangeiras respeitantes a Portugal, e as portuguesas feitas lá fora qualquer que seja o seu significado.